



LABORATÓRIO PEDAGÓGICO EM TEATRO DE GRUPO: PEDAGOGIA DE PROJETOS E “A OUTRA COMPANHIA DE TEATRO”

Vinício de Oliveira Oliveira

Vinicio.oliveira@urca.br

Doutor em Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Professor Assistente da Universidade Regional do Cariri
Juazeiro do Norte, Ceará, Brasil

<http://lattes.cnpq.br/8284018986827760>

Marcílio de Souza Vieira

marcilio.vieira@ufrn.br

Pós-Doutor em Ciências Humanas - Universidade Federal da Paraíba
Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Natal, Rio Grande do Norte, Brasil

ID Lattes: 7003467659704271

<http://lattes.cnpq.br/7003467659704271>

RESUMO

O artigo analisa o processo de criação e produção do espetáculo *O Contêiner* da A Outra Companhia de Teatro, grupo residente do Teatro Vila Velha (Salvador –BA), a partir da perspectiva educacional. Relaciona as práticas da companhia, inserido dentro do contexto de teatro de grupo no Brasil, com os princípios metodológicos da Pedagogia de Projetos, comparando princípios metodológicos e características com as atividades do grupo artístico. São descritas as atividades de pesquisa e formação realizada pela companhia para a montagem do espetáculo *O Contêiner*, comparando as fases de produção e criação com as fases e etapas propostas pela Pedagogia de Projetos. Os dados e as informações descritas foram levantados em documentos existentes no acervo documental do Teatro Vila Velha em arquivos pessoais dos integrantes da A Outra Companhia de Teatro e as práticas da companhia são analisadas a partir de sistematizações de autores que defendem a abordagem educativa da Pedagogia de Projetos e que foram influenciados pelos pensamentos de teorias de John Dewey. Conclui-se que o ambiente de trabalho d’A Outra Companhia e as práticas desenvolvidas para a formação de seus integrantes e do público geral pode ser considerado como um laboratório pedagógico educacional onde são experimentadas práticas educacionais e de formação, não apenas para as artes, como também para diferentes áreas e níveis de ensino.

Palavras-Chave: A Outra Companhia de Teatro. Pedagogia do Teatro. Pedagogia de Projetos. Teatro de Grupo.

PEDAGOGICAL LABORATORY IN COLLECTIVE THEATER: PROJECT-BASED LEARNING AND “A OUTRA COMPANHIA DE TEATRO”

ABSTRACT

The paper analyzes the creation and production process of the play *O Contêiner* by A Outra Companhia de Teatro, a resident group at Teatro Vila Velha (Salvador, Bahia), from an educational perspective. It links the company's practices, situated within the context of collective theater in Brazil, to the methodological principles of Project-Based Learning, comparing its methodological principles and characteristics with the activities of the artistic group. The research and training activities carried out by the company for the production of *O Contêiner* are described, comparing the stages of production and creation to the phases and steps proposed by Project-Based Learning. The data and information presented were gathered from existing documents in the Teatro Vila Velha archives, personal records of members of A Outra Companhia de Teatro, and analyses of the company's practices based on systematic frameworks by authors who advocate for the educational approach of Project-Based Learning, influenced by John Dewey's theoretical contributions. It concludes that A Outra Companhia's working environment and the practices developed for the training of its members and the general public can be considered an educational pedagogical laboratory where training and educational practices are tested, not only for the arts but also for different fields and levels of education.

Keywords: A Outra Companhia de Teatro. Theater Pedagogy. Project-Based Learning. Collective Theater.

LABORATORIO PEDAGÓGICO EN TEATRO COLECTIVO: PEDAGOGÍA DE PROYECTOS Y “A OUTRA COMPANHIA DE TEATRO”

RESUMEN

El artículo analiza el proceso de creación y producción del espectáculo *O Contêiner* de A Outra Companhia de Teatro, grupo residente del Teatro Vila Velha (Salvador – BA), desde una perspectiva educativa. Relaciona las prácticas de la compañía, insertas en el contexto del teatro colectivo en Brasil, con los principios metodológicos de la Pedagogía de Proyectos, comparando principios metodológicos y características con las actividades del grupo artístico. Se describen las actividades de investigación y formación realizadas por la compañía para la producción del espectáculo *O Contêiner*, comparando las fases de producción y creación con las etapas y fases propuestas por la Pedagogía de Proyectos. Los datos e información descritos fueron recopilados a partir de documentos existentes en el archivo del Teatro Vila Velha y de registros personales de los integrantes de A Outra Companhia de Teatro. Las prácticas de la compañía se analizan a partir de sistematizaciones de autores que defienden el enfoque educativo de la Pedagogía de Proyectos, influenciados por las teorías de John Dewey. Se concluye que el ambiente de trabajo de A Outra Companhia y las prácticas desarrolladas para la formación de sus integrantes y del público en general pueden considerarse un laboratorio pedagógico educativo, donde se experimentan prácticas educativas y de formación no solo para las artes, sino también para diversas áreas y niveles de enseñanza.

Palabras Clave: A Outra Companhia de Teatro. Pedagogía del Teatro. Pedagogía de Proyectos. Teatro Colectivo.

INTRODUÇÃO

Este artigo analisa as interseções entre a Pedagogia de Projetos e os projetos artísticos realizados pela A Outra Companhia de Teatro (A Outra, A Outra Cia), especificamente o processo de criação do espetáculo *O Contêiner*. Este estudo observa como o grupo teatral, ainda que de forma intuitiva, aplicou princípios fundamentais da Pedagogia de Projetos em seus processos criativos, criando um ambiente de formação e capacitação contínua para seus membros.

A Outra foi um grupo de teatro que atuou de forma ininterrupta entre os anos de 2004 e 2021 e estava dentro do contexto cultural de produção teatral caracterizado como Teatro de Grupo. Este termo se desenvolve no Brasil a partir da década de 1950, quando artistas teatrais propõem a produção de espetáculos em contraposição aos formatos de produção das Companhias Teatrais baseadas no estrelato de seus atores e atrizes principais.

As práticas de Teatro de Grupo acabou por inspirar o desenvolvimento artístico do país revelando e projetando infinitudes de artistas. Estas também demandaram novas formas de estruturação de produção, criação e formação dos integrantes dos grupos, transformando estes grupos em laboratórios artísticos, administrativos e pedagógicos. Nestes grupos foram experimentadas convenções artísticas, relações de trabalho compartilhado e caminhos pedagógicos para capacitação de seus integrantes para as novas propostas artísticas que estavam nascendo.

A Outra foi um grupo residente do Teatro Vila Velha (Salvador –BA), um teatro construído por um grupo teatral e mantido ao longo de sua história por grupos artísticos. O Vila Velha promoveu o desenvolvimento da produção teatral em grupo e tem enorme importância na cultura nacional, como palco de acontecimentos culturais, artísticos, sociais e políticos. A Outra está inserida nesse contexto e a partir da experiência da montagem do espetáculo *O Contêiner*, este artigo descreve como ela, ao estruturar seu trabalho em fases e atribuições específicas, aproxima-se da Pedagogia de Projetos, potencializando a experiência teatral como uma forma de aprendizagem ativa e participativa.

Inspirada por pensamentos de John Dewey e William Kilpatrick, a Pedagogia de Projetos é pautada em princípios teóricos que entendem a Educação como espaço de desenvolvimento da relação ensino e aprendizagem através da experiência. Ao longo do século XX, a abordagem educacional da Pedagogia de Projetos foi se desenvolvendo dentro do escopo das metodologias ativas em ambientes educacionais formais e não formais e em diferentes níveis, do ensino fundamental à pós-graduações.

LABORATÓRIO “A OUTRA CIA”

Fundada em 2004, *A Outra Companhia de Teatro*¹ surgiu como o mais recente grupo residente do Teatro Vila Velha (TVV) a partir do encontro de jovens artistas interessados em pesquisar uma linguagem cênica em grupo. Com estética popular, urbana, suburbana, baiana e soteropolitana realizou projetos artísticos e culturais de criação, formação, circulação e intercâmbio. Os processos de construção e montagem dos espetáculos d’ *A Outra Companhia* estavam sempre atrelados ao diálogo com a comunidade soteropolitana, a fim de estimular debates e reflexões acerca de temas sociais tratados em suas peças.

A Outra Companhia de Teatro desenvolveu práticas teatrais que combinavam pesquisa estética e formação técnica, marcada por uma produção colaborativa e multidisciplinar. Estabeleceu como rotina de trabalho a realização de projetos que discutissem temas relevantes para a contemporaneidade e aperfeiçoamento técnico/artístico em teatro.

A Outra surge dentro do Teatro Vila Velha (TVV) no contexto sociocultural em que a produção de teatro de grupo no país era profícua tanto em termos de quantidade quanto de qualidade. Ferramentas políticas para o fomento da produção teatral no país estavam se fortalecendo e reforçavam o modelo de produção, a exemplo da criação de leis estaduais de incentivo e o surgimento de editais artísticos culturais. Formada por jovens artistas que usavam seus processos criativos também como meios para aprofundar sua formação, em seus projetos sempre eram criadas oportunidades para capacitar tecnicamente seus integrantes. *A Outra* sempre trabalhou dentro da perspectiva de realização de projetos, fossem eles artísticos ou culturais, o que demandava planejamento para se alcançar os objetivos e uma metodologia de trabalho que pudesse ser compartilhada por todos os componentes, já que as tarefas frequentemente eram divididas em grupos de trabalhos.

O Teatro Vila Velha, um dos mais icônicos espaços culturais do Brasil, foi fundado em 1964. Desde então, tem sido um polo de resistência cultural e inovação, abrindo suas portas para produções teatrais, musicais, de dança e outras manifestações artísticas. Reconhecido por

¹ A companhia realizou os seguintes espetáculos e projetos entre 2004 e 2010 espetáculos: Arlequim servidor de dois patrões (2004), Debaixo d’água em cima d’areia (2005), O Contêiner (2006), A sacanagem da outra (2007), O Pique dos Índios ou A espingarda de Caramuru (2008), e Três Histórias para Lembrar (2008); Moringa (2009) participou do 33º Festival de Artes de S. Cristóvão (SE) e da Mostra Oficial do Festival de Curitiba (2007); realizou o Seminário História do Teatro Baiano nas décadas de 60, 70, 80 e 90 e o projeto de intercâmbio com grupos artísticos da região Nordeste – Troca-Troca no Nordeste com A Outra Companhia; além de receber prêmios (BNB Cultural 2007, FUNARTE de Teatro Myriam Muniz - 2006 e 2007, Prêmio Braskem de Teatro 2004 – categoria revelação) e ser contemplada em editais nacionais (Programa Oi de Patrocínios Culturais Incentivados 2007). Ministrou oficinas artísticas para diversos públicos (idosos, crianças, jovens, adultos) e circulou com seus espetáculos por estados brasileiros (SE, AL, MG, ES, PI, BA, PR, PE).

seu caráter vanguardista e seu compromisso com a diversidade estética, o Vila Velha também foi marcado pelo acolhimento de grupos residentes, que encontram ali um espaço para desenvolvimento artístico contínuo. Esses grupos residentes colaboraram para o fortalecimento da cena artística de Salvador e também para a consolidação do Teatro Vila Velha como um espaço de formação e inovação cultural.

O Vila, como ainda é carinhosamente chamado pela classe artística, a partir dos anos 1994, ganhou muito mais um caráter de centro cultural, que de casa de espetáculo. Diversos projetos sócio culturais foram desenvolvidos e tinham como princípio acolher, promover e incentivar a produção de teatro em grupo. Quando A Outra Companhia foi fundada, já havia cinco grupos residentes instalados no TVV.

O Vila Velha foi construído por um grupo de teatro, a Sociedade Teatro dos Novos, e ao longo de sua história abrigou e incentivou a produção artística dentro desta perspectiva. E os diversos grupos artísticos que residiram no TVV por grandes períodos de tempo, entre a década de 1960 até 2010, desenvolviam atividades de formação de seus componentes a partir da prática e da vivência do fazer teatral. Os projetos artísticos e culturais se tornavam laboratórios criativos, como também pedagógicos. A Outra Companhia de Teatro, assim como outros grupos residentes do Vila Velha², compartilhava o pensamento de que a prática continuada do fazer artístico e a promoção de experiências investigativas promovia a construção de conhecimentos, o desenvolvimento de conteúdos e o estabelecimentos de um trabalho relevante.

De acordo com Prado (2005), a Pedagogia de Projetos tem como princípio a construção de conhecimento baseado na experiência de um indivíduo ou de um grupo através de ações que produzem produtos palpáveis. Ela é dividida em etapas ou fases onde são executadas atividades que tem como objetivo alcançar um resultado específico que pode ter caráter conclusivo ou não. Tem como ferramenta a multidisciplinaridade e a inter-relação de conceitos, utilizando diferentes mídias e conteúdos.

Ainda sobre a Pedagogia de Projetos, Abrantes (1995, p. 61) apresenta algumas características fundamentais, quais sejam:

1. Um projeto é uma atividade intencional. O envolvimento dos alunos é uma característica-chave do trabalho de projetos, o qual pressupõe um objetivo que dá unidade e sentido às várias atividades, bem como um produto final que pode assumir

² Entre os anos de 2000 e 2010 os grupos que residiam o TVV eram: Bando de Teatro Olodum, Companhia Viladança, Companhia Novos Novos, VilaVox, A Outra Companhia de Teatro e a Companhia de Teatro dos Novos (esta última funcionava como um selo porque não tinha integrantes fixos, apenas Sônia Robatto se mantinha como fundadora em 1959).

formas muito variadas, mas procura responder ao objetivo inicial e reflete o trabalho realizado. 2. Num projeto a responsabilidade e autonomia dos alunos são essenciais. Os alunos são corresponsáveis pelo trabalho e pelas escolhas ao longo do desenvolvimento do projeto. Em geral, fazem-no em equipe, motivo pelo qual a cooperação está também quase sempre associada ao trabalho. 3. A autenticidade é uma característica fundamental de um projeto. O problema a resolver é relevante e tem um caráter genuíno [real] para os alunos. Não se trata de mera reprodução de conteúdos prontos. Além disso, o problema não é independente do contexto [sociocultural] e os alunos procuram construir respostas pessoais e originais. 4. Um projeto envolve complexidade e resolução de problemas. O objetivo central do projeto constitui um problema ou uma fonte geradora de problemas. 5. Um projeto tem um caráter prolongado e faseado. Não se chama de projeto uma tarefa que pode ser executada quase imediatamente, ainda que se trate de um problema difícil. Além disso, um projeto percorre várias fases: escolha do objetivo central e formulação dos problemas, planeamento, execução, avaliação, apresentação dos resultados.

De antemão, para entendermos o contexto pedagógico dos processos de montagens d'A Outra Companhia, devemos substituir a palavra “aluno” no texto de Abrantes por “participantes”, pois os integrantes da referida companhia, apesar de serem estudantes de cursos de nível superior ou de cursos técnicos de teatro, não estavam no grupo sob essa condição. Os componentes assumiam funções de colaboradores e produtores culturais.

Trocando os nomes dos “personagens” da descrição de Abrantes (1995), de aluno para participantes, as características apresentadas pelo autor podem ser verificadas nos processos criativos d'A Outra Cia. A realização dos processos artísticos exige que as características acima descritas pontuem e até mesmo direcionem o processo criativo e de pesquisa. Não há como desenvolver um projeto cultural em grupo sem intencionalidade; autonomia dos integrantes; autenticidade, relevância e significado para o grupo; complexidade e resolução de problemas e o mínimo de planeamento para sua produção, já que ela acontece em fases ou etapas.

Em acordo com o pensamento de Abrantes, Alvarez Leite (1996) propõe que a Pedagogia de Projetos se realiza em três fases:

Problematização: o momento detonador do projeto onde surge ou é apresentado o tema, alguns objetivos e os problemas. Nesta etapa inicial os participantes compartilham ideias, crenças e conhecimentos prévios sobre o(s) problema(s) em questão. Segundo Alvarez Leite, este é um ponto fundamental porque os participantes geralmente apresentam em sua bagagem pessoal conceitos, pré-conceitos, hipóteses explicativas e concepções sobre o mundo que os cerca. A partir deste conhecimento prévio, dependendo do nível de compreensão inicial dos participantes, se decide os caminhos a seguir e se elabora o planeamento das etapas e atividades a seguir.

Desenvolvimento: Aqui se criam as estratégias para buscar respostas às questões levantadas na problematização. Esta fase é dividida em uma série de etapas e atividades que

levam os participantes para a ação, as quais os defrontam com novos dados, novos conteúdos, tornando inevitável a comparação entre o conhecimento adquirido e o previamente estabelecido. Nessa fase, de acordo com Alvarez Leite (1996), os participantes comparam pontos de vista, reveem suas hipóteses, elaboram novas questões. Nesta fase são realizados experimentos, aprimoramento técnico; é necessário a divisão do trabalho em equipes ou grupos, é preciso sair da zona de conforto e se relacionar com outras realidades, instituições, pessoas. Conflitos, obstáculos e incertezas são comuns que exigiram de seus participantes rever os posicionamentos o que pode acarretar em mudança de percurso ou não.

Síntese: Nesta etapa Alvarez Leite (1996) diz que as convicções iniciais vão sendo superadas e outras mais complexas vão sendo construídas e os resultados alcançados começam a se confluír. As novas aprendizagens passam a fazer parte dos esquemas de conhecimento dos participantes e se tornam repertório que servirão de conhecimento prévio para outras situações.

Os processos criativos n'A Outra Companhia de Teatro eram divididos em etapas de trabalho bem definidas: a escolha do tema e objetivo central; o levantamento de conhecimentos prévios e formulação dos problemas; planejamento, execução/produção executiva e artística; interação e escuta com a comunidade; apresentação dos resultados, nos casos específicos os espetáculos; e avaliação do processo.

O Contêiner, terceira montagem da companhia, foi o primeiro projeto elaborado com este princípio e consistia em três etapas: pesquisa teórica sobre o tema, pesquisa artística prática com interação com público através de palestras, encontros e ensaios abertos e as apresentações em temporada com formação de plateia como culminância. Ao todo, o projeto teve duração de 11 meses, o processo criativo do espetáculo durou 9 meses, estreado no Teatro Vila Velha em setembro de 2006 quando, ficamos em cartaz por um mês e depois voltando a cartaz em janeiro de 2007 e em agosto de 2009.

Com o processo de montagem de *O Contêiner*, surgiu a necessidade da companhia de sistematizar seus processos de produção e aprofundar a formação de seus componentes. O grupo passou a integrar de forma consciente a criação artística e formação de seus integrantes, incorporando atividades formativas em seus processos criativos. Começou também a trabalhar no formato de divisão de tarefas e de grupos de trabalho de forma mais clara, criando setores: produção, assessoria de imprensa, divulgação e promoção, *design* gráfico, cenografia, formação de plateia, para além dos setores elenco e direção.

Entretanto, é importante se entender a divisão de tarefas, não no sentido de se profissionalizar os setores, mas sim de potencializar as ações artísticas. Não havia dentro do

grupo profissionais especializados como assessor de imprensa, cenotécnico, ou mesmo produtor, mas sim participantes interessados em estar artisticamente em cena e que para isso, precisavam desenvolver habilidades para além da atuação cênica – era imprescindível aprender a desenvolver funções necessárias fora de cena para promover a cena.

Diante desta realidade, o grupo iniciou uma prática de criação onde se entendia que todas as áreas da produção tornavam-se ambientes de aprendizagem e desenvolvimento. Não era cobrado profissionalismo dos participantes em suas áreas de trabalho fora da cena, mas sim, a busca de caminhos e formas de se suprir as demandas.

Assessoria de imprensa, por exemplo, era uma atividade imprescindível para a comunicação das atividades do grupo. O Teatro Vila Velha tinha uma assessoria contratada que fazia a ponte com os meios de comunicação, porém, se concentrava na divulgação geral do teatro, cada grupo residente tinha que dar conta de aprofundar suas relações com a imprensa. Roquildes Jr. assumiu por algum tempo esta função dentro d’A Outra Cia e nunca foi exigido dele uma forma profissional de se relacionar com os meios jornalísticos, já que ele era ator e na época concluinte do Curso de Letras da UFBA. Porém, cobrávamos um dos outros o compromisso e a responsabilidade de se descobrir os caminhos necessários para realização da atividade e compartilhar com os demais participantes que estavam trabalhando em outras funções. Assim como, Eddy Veríssimo assumiu a responsabilidade de ser a mediadora cultural d’A Outra, desenvolvendo atividades de formação de plateia – mais da metade do público que A Outra Cia teve até o ano 2010 foi ela que articulou, em praticamente todas as apresentações havia ação de formação de plateia.

Podemos observar que A Outra Companhia de Teatro assumiu empiricamente práticas de trabalho que se aproximam dos princípios educativos da Pedagogia de Projeto e acabou por desenvolver metodologias e processos de aprendizagem e de formação técnico artística. Além dos laboratórios de criação artísticas estabelecemos um laboratório de aprendizagem baseada na colaboração e na autonomia.

O grupo entendeu que seu trabalho também era um processo continuado de formação e aprendizado sobre a linguagem teatral e, assim, o desenvolvimento da *pesquisa* se tornou princípio condutor de todos os processos. A Outra, à época, não tinha conhecimento teórico da metodologia que estava desenvolvendo em seus projetos, nem das aproximações com os princípios educacionais da Pedagogia de Projetos. Ela estava dentro de uma perspectiva de trabalho há muito desenvolvida pelos grupos teatrais residentes do Teatro Vila Velha desde a sua construção na década de 1960.

Em meados de outubro de 2005 a companhia se reuniu para avaliar a sua última montagem “*Debaixo d'água em cima da areia*” e para escolhermos qual seria o próximo projeto de montagem. Não tínhamos ideia do que faríamos ainda. O corpo de componentes do grupo estava firmado, Camilo Fróes, Eddy Veríssimo, João Meirelles, Lorena Peixoto, Luis Buranga, Nildo Ferreira, Roquildes Junior e Vinício de Oliveira Oliveira. Estes participaram dos dois primeiros processos criativos e continuaram para o próximo projeto. Decidimos então consultar o material disponível na biblioteca do Vila Velha para ver se algum deles ajudaria na montagem da peça teatral que tivesse a ‘cara’ da companhia.

Na biblioteca do Vila, havia uma coleção de textos dramáticos da coleção *Cena Lusófona*³ e resolvemos ler coletivamente para conhecê-los. Neste estudo nos interessamos por alguns textos como *As Mortes de Lucas Mateus* de Leite Vasconcelos e *Mar me quer* de Mia Couto. Com o primeiro texto realizamos uma leitura dramática dois anos depois com a direção de Chica Carelli e o segundo A Outra montaria no ano de 2010 com a direção de Luiz Antônio Jr.

Nos deparamos também com o livro *Teatro Angola* de José Mena Abrantes. Neste livro havia o texto intitulado *O pássaro e a morte* composto por três textos curtos: *Vala Comum*, *Suicidiota* e *O Contentor*. Os dois primeiros textos tinham como tema a violência dos conflitos da guerra civil angolana iniciada logo após a independência de Portugal em 1975 e que durou até 2002.

O Contentor apresentava uma situação que também podia ser considerada como consequência da guerra angolana, porém era mais abrangente, porque tocava no tema da migração global de pessoas. Quando nos deparamos com o texto, percebemos na primeira discussão as potencialidades de desdobramentos, os caminhos diversos que poderíamos tomar, os conteúdos que poderíamos discutir. Houve consenso de que a companhia deveria montá-lo e aprofundar nossos conhecimentos sobre migração na África e no mundo.

O Texto de Mena Abrantes (1999) apresentava a situação de três personagens de diferentes países do continente africano que entraram clandestinamente em um navio cargueiro a caminho da Europa. Ao se aproximar da costa portuguesa, eles foram descobertos e trancados dentro de um contêiner, onde passaram alguns dias. O autor se baseou em um fato

³ A Cena Lusófona – Associação Portuguesa para o Intercâmbio Teatral existe desde 1995, com o objectivo de dinamizar a comunicação teatral entre os países de língua oficial portuguesa. A Coleção de Teatro da Cena Lusófona, uma colecção de dramaturgia de língua portuguesa que conta já com nove volumes dos autores: José Mena Abrantes (Angola), Leite de Vasconcelos (Moçambique), Mia Couto e Natália Luiza (Moçambique e Portugal), Fernando Macedo (S. Tomé e Príncipe), António Aurélio Gonçalves (Cabo Verde), Abel Neves (Portugal), Naum Alves de Souza (Brasil) e Abdulai Sila (Guiné-Bissau).

real acontecido na década de 1990: um navio da Hipocampo chegou em Lisboa e encontrou três clandestinos de nacionalidades diferentes. Eles foram aprisionados em um contêiner no convés do navio durante cinco dias enquanto as autoridades decidiam o que deveria ser feito. De acordo com as matérias jornalísticas da época, só foram libertados depois de um médico relatar que havia risco de morte de um dos homens. Mena nomeou os personagens com os mesmos nomes apresentados pelos três homens às autoridades portuguesas (John, Peter e George) e construiu ficcionalmente detalhes da vida de cada um.

Após leitura do texto e decisão de montagem, traçamos as questões iniciais: Porque as pessoas deixavam os países africanos? Quais eram os problemas sociais existentes no continente? Eram os mesmos de outros países? Rapidamente saímos do antigo lugar comum, da perspectiva de que a África era um continente primitivo e sem história, tratado muito mais como um grande país subdesenvolvido do que como um continente com mais de 50 nações. Percebemos a complexidade das relações sociais, culturais, econômica e geográficas e outras questões foram surgindo para pensarmos a montagem da peça.

Anne Bogart (2011) diz que “dentro de uma boa peça mora uma questão” e que seu processo criativo se desenvolve quando a questão ou as questões “provocam ideias e associações pessoais”. Apesar de considerar a força de uma inquietação subjetiva, de um impulso criativo inconsciente e mesmo da ludicidade do jogo e da brincadeira, em que possíveis questões nascem apenas depois da obra já pronta, ficou evidente para nós que o espetáculo *O Contêiner* nasceu de um apanhado de questões que se espalharam de diferentes formas e intensidades pelos componentes da Outra Cia e que estávamos dispostos a discutilas.

Hernández (1998) diz que a prática da Pedagogia de Projetos deve partir de uma situação, ou problema, apresentada por um estudante ou docente, mas que o desencadeante contenha questões valiosas que impliquem o interesse dos participantes e que nasça a necessidade de se desenvolver estratégias de busca, ordenação e estudo de diferentes fontes de informação.

Com o tema e o texto base escolhidos, iniciamos o processo de produção e sistematização do projeto cênico. Colocamos no papel nossos desejos e interesses e nos inscrevemos em editais e leis de incentivo. Sistematizamos nossa produção, com divisão de setores, responsabilidades e atividades, como também, a necessidade de aprofundar a formação artística de seus integrantes. O projeto foi então submetido ao Prêmio Myrian Muniz

de Teatro da FUNARTE⁴ e foi contemplado com apoio financeiro. Os objetivos estabelecidos no projeto inscrito para a FUNARTE refletiam o pensamento da companhia naquele momento:

Objetivo Geral:

Dar continuidade ao trabalho de formação e capacitação dos 15 artistas d'A Outra Companhia de Teatro, grupo residente do Teatro Vila Velha, Salvador, Bahia.

Objetivos específicos:

Ampliar o repertório artístico dos atores da companhia, através da pesquisa prática de técnicas de acrobacia e improvisação musical em cima de instrumentos não-convencionais;

Promover uma palestra gratuita com o tema *Emigração e Discriminação*, com professores, artistas e estudiosos do assunto;

Promover 03 discussões com Estudantes e Professores do ensino médio de escolas públicas e particulares precedidas de ensaios;

Estimular debates sobre a questão da emigração clandestina;

Estimular o interesse pelo cenário atual do continente africano

Abordar temas de interesse social, como estruturação das sociedades, normas de inserção, distribuição de riquezas, relações de poder, etc.;

Levantar questões sobre a discriminação dos emigrantes de países pobres, com ênfase na questão africana;

Registro em vídeo, imagens, texto e gravação das atividades da Companhia para arquivo e consulta; (Acervo Nós Por Exemplo, Projeto O Contêiner -Funarte. Teatro Vila Velha, 2006.)

O projeto artístico de montagem do espetáculo *O Contêiner* tinha como objetivo principal o espetáculo teatral que entrou em cartaz por quatro semanas realizando 16 apresentações inicialmente. A meta da companhia era montar um espetáculo com uma proposta poética bem definida e para tanto foi feita a seguinte pergunta: qual caminho artístico/estético seguir? Esta questão direcionou todas as escolhas subsequentes. Decidimos fazer uma escolha inicial que determinaria poeticamente a visualidade, o ambiente cenográfico e a espacialidade da cena. O ambiente proposto pelo texto de Mena Abrantes era o interior de um navio e seguidamente o interior de um contêiner, onde os três refugiados eram presos ao longo da cena.

Assim, A Outra Companhia escolheu como único elemento cenográfico um contêiner real, onde os atores atuavam em seu interior e seriam vistos e escutados por televisores espalhados pela plateia. Para a execução das cenas dentro do contêiner as imagens dos atores

⁴ Prêmio Myrian Muniz é um incentivo de âmbito nacional a projetos que visem o desenvolvimento de atividades artísticas de teatro, nas modalidades de circulação e montagem de espetáculos. O prêmio é promovido pela Fundação Nacional das Artes (FUNARTE) anualmente e foi criado com o objetivo de democratizar a distribuição dos recursos do governo.

LABORATÓRIO PEDAGÓGICO EM TEATRO DE GRUPO: PEDAGOGIA DE PROJETOS E A OUTRA COMPANHIA DE TEATRO

foram captadas por câmeras de segurança com sensores infravermelhos e o áudio por microfones direcionais.

Com a escolha cenográfica, iniciamos a produção da montagem e os ensaios. Tínhamos o tema e o ambiente cenográfico, precisávamos criar as cenas do espetáculo e todos os elementos necessários que dependiam da pesquisa social, econômica e cultural sobre migração no mundo com enfoque no continente africano.



Espectáculo *O Contêiner* (2006). Fonte: Arquivos d'A Outra Companhia de Teatro

Iniciamos a pesquisa fazendo o levantamento de artigos de jornal, revistas e relatos de migrantes que trazíamos e líamos na sala de ensaio e discutimos seus contextos. Nesta etapa do processo o grupo constatou dois fatos:

O primeiro foi que tínhamos consciência parcial dos problemas do continente africano, dos processos de independência de alguns países, das crises políticas e guerras civis. Não tínhamos informações suficientes para compreender os contextos sociais e políticos dos fatos relatados nos artigos que nos chegavam. À medida que colhíamos material, percebíamos a complexidade das situações sociais da geopolítica da África e que precisaríamos de aprofundamento teórico de forma orientada por quem conhecia do assunto. Através de Camilo Froes, estudante de sociologia na época, fizemos contato com o Centro de Estudo Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia (CEAO), dois professores⁵ se juntaram ao projeto de forma colaborativa. Eles assistiram alguns de nossos ensaios e trouxeram mais dados e informações sobre as guerras civis derivadas dos movimentos de independência, as rotas e os fluxos migratórios entre os países do continente africano, subsídios sobre as condições sociais e geográficas e sobre a produção artística de alguns países africanos.

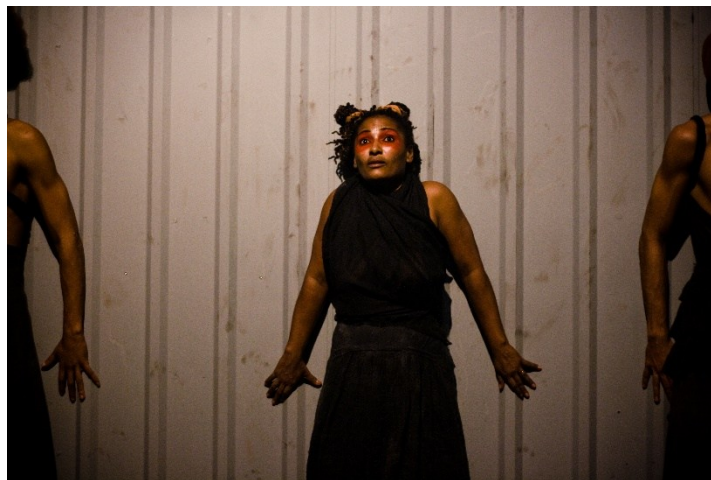
O segundo foi a constatação de que parte do elenco era composto por migrantes. Estávamos com a atenção voltada para uma questão socioeconômica africana e deixamos de observar o nosso próprio ambiente. Três dos nove atores eram oriundos de cidades do interior da Bahia e tinham um ponto em comum: saíram de suas cidades para trabalhar com teatro⁶. Chegaram em Salvador com o objetivo de encontrar um emprego ou fazer Escola de Teatro da UFBA e fazer teatro à noite. As histórias destes atores não eram marcadas pela fuga da guerra ou da fome, mas eles buscavam uma “vida melhor” a qual pudessem seguir seus sonhos.

⁵ Dr. Valdemir Zamparoni é Professor titular aposentado atuando no Programa de Pós-Graduação em História e no Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos, no Centro de Estudos Afro-Orientais, todos da Universidade Federal da Bahia. Professor na Universidade Agostinho Neto (Angola) 2008/9; Professor da Universidade Pedagógica (Moçambique). E Dr. Luiz Nicolau Parés Professor associado no Departamento de Antropologia da Universidade Federal da Bahia. Possui graduação em Filologia Inglesa pela Universitat de Barcelona (1985), mestrado em Communication Arts pelo New York Institute of Technology (1989) e PhD pela School of Oriental and African Studies, University of London (1997).

⁶ Os atores citados e suas respectivas cidades são Luiz Antônio Jr. (Alagoinhas-BA), Joedson Silva (Petrolina-PE) e Luiz Augusto Buranga (Coração de Maria - BA).

Até então, nossas discussões estavam focadas nas situações dos refugiados de guerra e fome do Oriente Médio e da África, mas nossas vivências e conhecimentos prévios que tínhamos sobre o tema migração emergiu da memória do grupo e passamos a considerá-las como material criativo. A história de nosso país, onde nordestinos fugiam da seca e da pobreza para encarar os grandes centros populacionais; as questões da migração de brasileiros que buscavam nações da América do Norte, Europa e Ásia com a promessa de melhores condições de vida; como também, o Brasil como destino de muitos imigrantes internacionais ao longo do século XX. Observamos que nosso país com proporções continentais além dos fluxos migratórios em massa internamente, também atraiu e continuava a atrair imigrantes de quase todos os continentes ao longo do século XX. A partir destes conhecimentos aprofundamos nossas pesquisas sobre informações das políticas e as leis de imigração brasileiras e descobrimos que elas, positivamente, caminhavam em direção oposta ao paradigma internacional das nações ricas:

Como país anfitrião de refugiados, o Brasil, a exemplo da Argentina e do Chile, ganhou importância após a democratização do discurso. Em 1960, o Brasil foi o primeiro país do Cone Sul a ratificar a Convenção sobre Refugiados de Genebra de 1951 e - embora não até 1997 - a introduzir uma lei nacional de refugiados. Em 2009, 4.153 refugiados de 72 nações foram contados no Brasil. Destes, 65,3% vêm do continente africano, especialmente de Angola. Lidar com enxaquecas faz parte do debate político nacional; em 2006, uma "consulta pública" convocou a população brasileira para discutir uma nova lei de migração. Em particular, a lei deve ter como objetivo: Garantia dos direitos humanos, interesses nacionais, socioeconômicos e culturais, preservação das instituições democráticas e fortalecimento das relações internacionais. (Voutta, 2016, s/p.)⁷



⁷ Stella Voutta é uma pesquisadora Alemã, que na época da montagem do espetáculo estava em Salvador para pesquisar o teatro político produzido na cidade. O Teatro Vila Velha foi um dos objetos de estudo e o processo de montagem de *O Contêiner* também. Stella participou ativamente do processo de montagem contribuindo artística e tecnicamente.

Espetáculo *O Contêiner* (2009). Eddy Veríssimo Fonte: Arquivos d'A Outra Companhia de Teatro

Percebemos que nossos conhecimentos prévios sobre migração no mundo contemporâneo eram mais ricos do que pensávamos e nossa autocrítica nos fez ampliar os horizontes de discussão e serviu de material para a criação de cenas. As etapas relacionadas aos ensaios práticos de criação de cena e de pesquisa com o aprofundamento teórico aconteciam concomitantes se completando mutuamente. As duas atividades eram distintas mas uma influenciava a outra. A criação de cenas demandava pesquisas, as pesquisas inspiravam e serviam de resoluções das cenas criadas, ao mesmo tempo que o processo criativo levantava mais questões e dúvidas que enriqueciam os encontros e debates com os professores orientadores.



Espetáculo *O Contêiner* (2009). Paulo Prazeres, Joedson Silva, Thais Alves. Fonte: Arquivos d'A Outra Companhia de Teatro

Outra estratégia que A Outra passou a usar a partir da montagem de *O Contêiner*, foi estreitar relações com instituições e formar parcerias. Entramos em contato com diversas escolas do ensino fundamental e médio da rede pública e particular. Tínhamos consciência que as informações de senso comum sobre o continente africano continuavam sendo difundidas erroneamente e ainda eram estabelecidas como verdades em diversas instituições de ensino. A obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira no ensino fundamental e médio, contemplando o estudo da História da África e dos Africanos, tinha sido implementado três anos antes, 2003, e estava em fase de adaptação das escolas.

A Outra estava entrando em contato com informações que não tínhamos tido acesso ao longo da nossa vida, estávamos descobrindo diversas Áfricas no continente africano e

queríamos compartilhá-las. Queríamos ampliar as discussões que estávamos tendo dentro da sala de ensaio e nos aproximar de escolas públicas e particulares do ensino fundamental e médio, como também, de cursos universitários da área de ciências humanas. A partir deste desejo, começamos pensar em atividades que pudéssemos compartilhar informações e promover mais discussões e reflexões. Assim, realizamos duas palestras abertas ao público, dois ensaios abertos para escolas e uma mostra de filmes africanos, a Mostra África Cinema.



Espectáculo *O Contêiner* (2006). Camilo Froes, Thais Alves, Luis Buranga e Paulo Prazeres. Fonte: Arquivos d'A Outra Companhia de Teatro

As palestras proferidas por Zamparoni e Perez foram uma ótima oportunidade para entrar em contato com novas informações, através das falas relevantes dos palestrantes como também das discussões dos participantes que eram pesquisadores do continente africano, estudantes de mestrado e doutorado da UFBA. Após as falas dos professores, abrimos para a plateia e nos deparamos com discussões riquíssimas, estávamos compartilhando informações com profissionais e cientistas sociais especializados.

A Mostra África Cinema⁸ contou com 7 filmes produzidos em diferentes países do continente africano e sua realização foi pensada para ampliar as perspectivas sobre a produção

⁸ 05/abril - EU, UM NEGRO e OS MESTRES LOUCOS ambos de Jean Rouch Palestrante: José Francisco Serafim - Doutor pela Universidade de Paris em Cinema Documentário; 06/abril - RUANDA IN MEMORIAN de Samba Félix N'Diaye Palestrante: Cláudio Pereira - Professor e Pesquisador do CEAO - Centro de Estudos Afro-Orientais e do curso de Cinema da FTC; 19/abril - KUXA KANEMA de Margarida Cardoso Palestrante: Valdemir Zamparoni; 20/abril - HEREMAKONO - ESPERANDO A FELICIDADE de Abderrahmane Sissako Palestrante: José Francisco Serafim 26/abril - CONTOS CRUÉIS DA GUERRA de Ibea Atondi e Karim Miské Palestrantes: Mohamed Bamba -

artística na África e entrar em contato com a diversidade cultural e poética que compõem aquele continente. O Bando de Teatro Olodum, A Outra Companhia de Teatro (grupos residentes do Teatro Vila Velha) juntamente com o V Festival de Cinema Pan Africano (produzido por Fátima Fróes) produziram a primeira edição da mostra de filmes africanos e africanistas.

As três produções distintas que se juntaram para produzir a mostra tinham objetivos diferentes: O Bando de Teatro Olodum tinha como foco a pesquisa em civilizações localizadas no continente africano antes da expansão europeia; A Outra Cia estava interessada na migração contemporânea e a produção do Festival Pan Africano em difundir e promover a produção artístico-cultural de diversos países africanos. Ao final de cada exibição iniciava-se uma conversa sobre a obra tendo como mediador um convidado. A mostra alcançou um público de mais de 600 pessoas.

Os dois ensaios abertos foram realizados para estudantes do ensino fundamental e médio. Não tínhamos o espetáculo completamente montado, nem cenário ou figurinos estavam finalizados, apresentamos cenas chaves que achávamos importantes e em seguida abrimos para a fala de professores das escolas convidadas e em seguida o debate com os estudantes.

Esta etapa do projeto foi bastante significativa para o grupo, porque além de compartilharmos informações com os estudantes adolescentes, escutamos sobre a recepção das cenas que estavam prontas até aquele momento. Estabelecemos diálogo rico tanto sobre o tema do espetáculo, quanto sobre a concepção artística. As críticas e as observações sobre a encenação feitas pelos estudantes e professores naquele momento colaboraram para a auto avaliação do processo criativo e contribuíram para direcionamentos artísticas.

Os ensaios abertos foram assistidos por mais de 700 estudantes e professores e deixaram claro para A Outra Cia o quanto é importante construir relações com instituições escolares e compartilhar a aprendizagem. Esta ação colaborou para a difusão de informações e conhecimento, como também para a promoção das atividades d'A Outra Companhia. Esta ação com escolas nos ajudou a ter uma plateia cheia durante a primeira temporada.

Doutor em Ciência da Comunicação e Cinema pela USP e Professor da FIB; e Lívia Natália de Souza - Mestre e doutoranda em Letras pela UFBA e professora do departamento de Letras da UFBA e das Faculdades Jorge Amado; 27/abril - MEMÓRIA ENTRE DUAS MARGENS de Frédéric Savoye e Wolimité Sié Palenfo Palestrante: Juvenal Carvalho - Professor de História da Faculdade Jorge Amado.

Aprendemos que ampliar as relações com a cidade, conversar sobre nossos processos e sobre os temas que nos inspiravam era estratégico para a sobrevivência do grupo.



Ensaio da peça *O Contêiner* (2006). Foto esquerda: conversa com o autor José Mena Abrantes – Eddy Veríssimo, Geruzia Doria, Vinício de Oliveira Oliveira e José Mena Abrantes. Foto direita: Plateia ensaio aberta para escolas do ensino médio. Fonte: Arquivos d'A Outra Companhia de Teatro

Ainda durante o processo de montagem tivemos duas visitas do autor do texto de José Mena Abrantes, uma durante os ensaios e outra na estreia. A visita durante os ensaios nos foi bastante valiosa porque ele pode conversar sobre as intenções e motivações da obra e por ser integrante do governo angolano, Mena Abrantes era assessor de imprensa da Presidência da República de Angola, trouxe dados importantíssimo sobre o processo de independência de seu país natal e sobre a guerra civil que o país viveu.

O Contêiner estreou no dia 08 de setembro de 2006⁹ no Teatro Vila Velha, Salvador, Bahia e realizou 16 apresentações. Ficou em cartaz até o dia 10 de outubro e mais de 2000 pessoas assistiram às apresentações. Mais de 3000 pessoas participaram do projeto em sua totalidade: palestras, Mostra África Cinema, ensaios abertos. No ano de 2007, o espetáculo voltou a ficar em cartaz em janeiro e foi selecionado para a mostra oficial do Festival de Teatro de Curitiba. A Outra ainda realizou uma terceira temporada em agosto de 2009¹⁰ quando quase 3000 espectadores assistiram ao espetáculo.

⁹ O Contêiner estreou em 2006 com a seguinte ficha técnica - **Textos:** O Contêiner – José Mena Abrantes / textos de Improvisações – elenco d'A Outra Companhia. **Direção:** Vinício de Oliveira Oliveira. **Dramaturgia:** Fábio Espírito Santo. **Direção Musical:** João Meirelles. **Elenco:** Camilo Fróes, Eddy Veríssimo, Geruzia Doria, Isabela Silveira, Joedson Silva, Luiz Buranga, Luiz Antônio Jr., Paulo Prazeres, Thaís Alves. **Músicos:** Estevam Dantas, Guilherme Gentil, João Meirelles. **Cenário:** Lorena Torres Peixoto. **Iluminação:** Rivaldo Rio. **Preparação Corporal:** Jairson Bispo e Marcelo Sousa Brito. **Figurino e Maquiagem:** Luiz Santana. **Assistente de Figurino:** Indaiá Oliveira. **Costureiras:** Saraí Santos, Eliana Negreiro e Rosângela Gomes. **Cabelos:** Déo Carvalho. **Programação Visual:** Camilo Fróes. **Ilustração:** Rômulo Pacheco. **Sonorização:** Maurício Roque. **Instalação de Vídeo:** Teletok, Nildo Ferreira. **Consultores de segurança:** Carl von Hauenschild e TECON Salvador. **Equipe de Produção:** Camilo Fróes, Isabela Silveira, Luiz Antônio Jr., Thaís Alves e Vinício de Oliveira Oliveira. **Professores consultores:** Valdemir Zamparoni e Luis Nicolau Parés. **Fotos:** João Meirelles e Fábio Espírito Santo.

¹⁰ Em 2009 O Contêiner estreou com o seguinte elenco: **Elenco:** Jeferson Ferramenta, Eddy Veríssimo, Luiz Antônio Jr., Sunny Mello, Erica Ribeiro, Dailto José, Thiago Enoche, Roquildes Jr. **Músicos:** Estevam Dantas, Guilherme Gentil, João Meirelles.

Analisando os métodos de trabalho d'A Outra Companhia, como também dos grupos residentes do Teatro Vila Velha, percebemos fortes semelhanças com princípios metodológicos e características da Pedagogia de Projetos. John Dewey (1976), referência filosófica basilar desta abordagem, defende que o processo educacional deve ser baseado na experiência e ao criar uma teoria da experiência, o autor a relaciona com a educação. Respalhando a necessidade de se estabelecer uma filosofia da educação que sustentasse as propostas metodológicas e pedagógicas progressivas do início do Século XX, Dewey (1976) defendeu que esta fosse baseada em uma filosofia da experiência (empírica e experimental), para fundamentar e guiar a construção de uma nova educação.

Para o filósofo e pedagogo norte-americano, a educação tradicional oferece vários exemplos de experiências, não podemos dizer, de forma alguma, que a sala de aula tradicional é um espaço no qual os estudantes não têm experiências. A assertiva pode ser refletida no teatro quando se trabalha com a pedagogia teatral tradicional sem levar em consideração as experiências, desejos e inquietações dos atores e atrizes. O que se pode criticar é a qualidade das experiências. Aquelas que tornam os aprendizes insensíveis às ideias; que limitam o poder de julgamento e capacidade de pensar inteligentemente em novas situações; que favorecem a associação entre aprendizagem e tédio; que não associam o aprendizado com as situações da vida fora da escola.

Para Dewey (1976, p. 14), “[...] a crença de que toda educação genuína se consuma através de experiência não quer dizer que todas experiências são genuínas e igualmente educativas.”. O filósofo e pedagogo norte-americano defende que Educação e Experiência não são termos equivalentes, por que, segundo ele, algumas experiências podem ser deseducativas.

É deseducativa toda experiência que produza o efeito de parar ou destorcer o crescimento para novas experiências posteriores. Uma experiência pode ser tal que produza dureza, insensibilidade, incapacidade de responder aos apelos da vida, restringindo, portanto, a possibilidade de futuras experiências mais ricas. Outra poderá aumentar a destreza em alguma atividade automática, mas de tal modo que habitue a pessoa a certos tipos de rotina, fechando-lhe o caminho para experiências novas. (Dewey, 1976, p 15)

O autor citado nos atenta inclusive para experiências agradáveis, mas que tem um caráter deseducativo quando promovem atitudes negligentes e descuidadas, esta atitude então operaria para “[...] modificar a qualidade das futuras experiências, podendo impedir a pessoa de tirar delas tudo o que elas têm para oferecer” (*idem*, p. 14).

A Pedagogia de Projetos envolve a criação de ambientes de aprendizagem dinâmicos e colaborativos, onde os participantes são incentivados a explorar, experimentar e construir

conhecimento de forma coletiva e com objetivos claros. De maneira similar, as práticas da companhia em *O Container* revelaram um processo criativo que priorizou a colaboração e a experimentação, permitindo que os membros desenvolvessem uma compreensão mais profunda dos temas e das linguagens abordadas na peça. Esse processo engajou os atores e outros participantes não apenas como executantes, mas como co-criadores da obra, refletindo o princípio da Pedagogia de Projetos de envolver todos os participantes como protagonistas de sua própria pesquisa e criação.

CONCLUSÃO

O processo de montagem do espetáculo revelou um ambiente de aprendizagem multidisciplinar, onde os jovens artistas tiveram que entender sobre diversos temas para conseguir realizar o projeto e alcançar o resultado final de forma significativa: um espetáculo com qualidade artística e de produção, que se comunicasse com a cidade e com questões contemporâneas e que alcançasse bom público, se tornasse relevante para a comunidade onde se encontrava.

Analisando o sistema de trabalho d'A Outra Companhia de Teatro encontramos convergências com os princípios da Pedagogia de Projetos, proporcionando um terreno fértil para a formação continuada de seus integrantes. O projeto *O Contêiner* exemplifica como o grupo incorporou etapas pedagógicas como problematização, desenvolvimento e síntese, promovendo uma experiência de aprendizagem ativa e colaborativa. Percebemos que a companhia em seus processos criativos promoveram espaços de intercâmbio de conhecimento, exploração cultural e reflexão social.

Ao escolher elaborar um projeto de montagem do espetáculo, o grupo estabeleceu uma abordagem intencional e organizada, dividindo as tarefas e setores, promovendo autonomia e responsabilidade entre os integrantes. Essa dinâmica permitiu que cada membro contribuísse e se desenvolvesse a si próprio, integrando diferentes saberes e habilidades. A companhia demonstrou que o processo teatral, como processo artístico, revela um potente sistema pedagógico e de formação, não porque a educação ou a formação é o fim do fazer artístico teatral – o objetivo do fazer teatral é o teatro, expressão artística – mas porque fazer teatro promove experiências.

Não podemos deixar de refletir que as convergências com os princípios pedagógicos da Pedagogia de Projetos aconteceu de forma intuitiva, isto revela que o ambiente de trabalho que A Outra Companhia desenvolveu também pode ser observado como um laboratório de práticas pedagógicas, como um espaço de experimentação educacional e de formação, o qual

a pedagogia utilizada reflete os interesses dos integrantes e as necessidades de resolução dos problemas daquele grupo. Todo o conteúdo desenvolvido e os conhecimentos construídos levaram para o fim determinado, a montagem do espetáculo, de forma significativa e relevante para todos os envolvidos.

Da perspectiva educacional, as práticas teatrais da companhia, como de outros grupos de teatro, podem ser vistas como laboratórios experimentais de pedagogias, de construção de sistemas e metodologias de aprendizagem e transmissão de conhecimentos que podem ser aplicados também em diferentes áreas da educação. Traço aqui aproximações com a Pedagogia de Projetos, entretanto as práticas de formação desenvolvidas n'A Outra, como também nos outros grupos residentes do Teatro Vila Velha, revelam caminhos diversos dentro dos vetores ensino e aprendizagem que constituem a educação.

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, Paulo. *Avaliação e educação matemática*. GEPEM. São Paulo, 1995.
- ABRANTES, José Mena. *Teatro II – Teatro Angola*. Cena Lusófona, Coimbra, 1999.
- ALVAREZ LEITE, Lúcia Helena. *Pedagogia de projetos: intervenção no presente*. Revista Presença 3/4 Pedagógica. V.2, nº 8, mar./abr, 1996.
- BOGART, Anne. *A preparação do diretor*. WMF Martins Fontes. São Paulo, 2011.
- PRADO, Maria Elisabette Brisola Brito. *Pedagogia de projetos: fundamentos e implicações*. In: ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; MORAN, José Manuel (Org.). *Integração das tecnologias na educação*. Brasília: Ministério da Educação/SEED/TV Escola/Salto para o Futuro, 2005.
- VOUTTA, Stela. **Politisches Theater in Brasilien**: Aufführungsanalysen aus Salvador Bahia. Transcript. Bielefeld, Deutschland, 2016.
- Acervo Nós Por Exemplo. O Contêiner – Projeto para Funarte. Caixa 2006, A Outra Companhia de Teatro. Teatro Vila Velha, Salvador – BA, 2006.

Submetido em: 15/11/2024

Artigo aceito em: 15/12/2024